



Escritora gaúcha se consolida como uma das vozes mais importantes na recente produção literária brasileira

Reportagem Cultural

Natalia Polesso, referência contemporânea

Rafael Gloria, especial para o JC

Ainda quando estava no doutorado, a escritora Natalia Borges Polesso criou um projeto despretensioso: a história em quadrinhos online *Escritora Incompreendida*. Com caráter autoficcional, trazia narrativas sobre uma autora que publicava textos que não eram, digamos assim, tão bem compreendidos. “Talvez funcione para todas as mulheres que escrevem: eu acho que a gente continua sendo incompreendida de algumas formas. Mas, também, qual texto não é, em algum momento?”, reflete. Com sete livros lançados em quase 10 anos de carreira literária

e passando por diferentes estilos, como conto, poesia e romance, Natalia, 40 anos, é uma voz importante na literatura contemporânea brasileira.

Reconhecida com premiações como o Açorianos e o prêmio Jabuti pelo livro de contos *Amora*, em 2016, atualmente ela mora na cidade de Lavras, no interior de Minas Gerais, com sua esposa, e ocupa sua rotina com vários projetos literários, trabalhos de traduções e estudos para concursos na área da docência na área da Teoria Literária. “Do que o autor ou a autora pensam em seu texto até a leitura do público, não se tem controle. Cada um tem a

sua visão do mundo, então muita coisa pode cair no abismo dessa tentativa, desse salto que a gente faz ao tentar se comunicar por literatura”, aponta.

Apesar dessa persona literária por vezes “incompreendida”, a obra de Natalia segue sendo referência e ampliando os horizontes da literatura contemporânea brasileira. A escritora, doutora em letras e professora Luciany Aparecida vê a escritora gaúcha atenta ao que se produz atualmente. “Ela é ligada ao que se tem feito de literatura no Nordeste e Norte do Brasil, por exemplo, e traz um olhar mais diverso dos lugares de classe e raça, gênero e orientação sexual”, diz.

Esse interesse genuíno pelo que é produzido hoje é uma característica que Moema Vilella, escritora e professora nos cursos de Escrita Criativa da Pucrs, também aponta. “É maravilhoso debater com ela e escutar suas reflexões e problematizações críticas, porque ela de fato está constantemente pensando criação e literatura no mundo, no contemporâneo”, avisa.

A livreira da Baleia e jornalista Nanni Rios acredita que a obra de Natalia é muito importante por colocar mulheres no centro das narrativas, em perspectivas tridimensionais. “São donas de suas próprias histórias, sem que a sua existência seja associada a outro personagem masculino”, diz. Nanni também lembra de um trabalho essencial que a escritora realiza. “Ela tem uma pesquisa incrível sobre geografias lésbicas, no sentido de mapear a produção literária de mulheres não-heterossexuais em território brasileiro. A gente brinca dizendo que, como nos apagaram da história, a gente vai tomar a geografia. A importância desse trabalho é absurda, porque demonstra que as mulheres não-heterossexuais estão produzindo há muito tempo”, explica. O trabalho em questão foi realizado no pós-doutorado da autora na Universidade de

Caxias do Sul (UCS).

Em Caxias, onde Natalia surgiu como autora e pesquisadora, seu primeiro editor foi o poeta Marco de Menezes. Para ele, a literatura que ela produz é um instrumento necessário. “Está em um lugar relevante para poder dar voz às temáticas e especialidades que lhe são caras, e que ela retorce bem retorcido, se distanciando do óbvio, sem esquecê-lo jamais”, analisa. A crítica literária Paula Sperb foi sua colega no mestrado na UCS e lembra que ela já demonstrava indícios de ter uma voz com muito para se dizer. “E isso de forma oral, mesmo. Ela tinha uma maneira muito única de se expressar, e que só se confirmou com a literatura dela”, indica.

Natalia acredita que, nos últimos anos, a literatura brasileira se tornou um pouco mais plural e diversa, devido a fatores como crescimento de pequenas editoras e até a proliferação de redes sociais e de leitura, contudo ainda há muito a se fazer. “Se a gente pensar historicamente até aqui, o momento é muito bom, mas se refletirmos sobre o que ainda pode ser, falta muito para termos uma literatura realmente diversa”, aponta.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Melodrama explora falta de ética da humanidade

A estreia de *Quando eu for mãe quero amar desse jeito*, de Eduardo Bakr, foi uma excelente oportunidade para a gente reencontrar um teatro cheio: Vera Fischer continua sendo um magneto extraordinário para o público, e quem a assiste, enfim, confirma que isto não é lenda, mas a simples e pura verdade. Depois, foi um ótimo teste para saber que Tadeu Aguiar não é apenas um excelente diretor de musicais, como o recente *A cor púrpura*, mas é um meticuloso diretor de atores. Enfim, apesar do frio, ficou evidente que algumas plateias se encantam com peças leves, engraçadas - desde que inteligentes - e que não preocupem demais a gente. Afinal, já temos tantas tragédias para enfrentar, como a do recente assassinato de um indigenista e de um jornalista na selva amazônica... O mais fantástico, é descobrir que a receita de chamada *pièce bien faite* (peça bem feita), inventada pelos dramaturgos franceses no século XIX, continua eficiente e sedutora.

Seus criadores foram Eugène Scribe e Victorien Sardou, a partir dos anos 1820. Consiste num enredo realista (antecipando o realismo) mas com inúmeras viradas no andamento da intriga, de tal maneira que o público deve ser sempre surpreendido pelo que ocorra, ainda que, evidentemente, com o passar do tempo, a gente já possa supor o que ocorrerá. Mesmo assim, o desafio do dramaturgo era saber combinar as alternativas que o cardápio lhe oferecia, de maneira a interessar o público. Para quem odeia este tipo de obra, por sua aparente falta de criatividade e artísticas, é bom que se lembre que na tragédia grega todo o espectador já conhecia a história que iria ser representada: tratava-se, antes, de saber como ela iria ser organizada pelo dramaturgo. Ou seja, o "mito", como queria Aristóteles, era conhecido, o que importava era a trama a ser desenvolvida. Também a *comedia dell'arte* tinha um repertório aparentemente repetitivo de enredos, mas que milagres se fazia com isso!!!

A exigência pela criatividade surgiu com o romantismo. Antes, qualidade significava competência para emular os clássicos, basta ler Horácio. Pois bem, Eduardo Bakr mostrou saber muito bem disso. Sem ser francês, sem estar no século XIX,

escolheu a preservação do nome de família - e ofereceu ao público um engraçado e inteligente jogo de xadrez de que se abole a moralidade e a ética. Há perspectiva mais atual do que esta para nosso século XXI, especialmente no Brasil, onde o "jeitinho" é sempre a regra?

Se o texto de Bakr é desafiador, neste sentido, com frases rápidas, curtas, precisas, cortantes, com entreditos e subentendidos, a direção de Aguiar foi, mais do que fiel, e valorizou o texto original. Os jogos corporais de Mouhamed Harfouch, por exemplo, são hilários, sem cair no pastelão; as ênfases frasais de Vera Fischer sabem valorizar sua tonalidade mais grave da voz; Larissa Maciel, aparentemente distante e fria, encarna justamente a personagem que deve ter frieza e distanciamento para conseguir chegar ao objetivo que almeja. No final, tudo se ajeita: o desafio entre sogra e nora se equilibra, inclusive com a sogra tomando a iniciativa de se afastar do caminho do casal. O filho é sempre um pobre boneco em meio às manipulações das duas mulheres - livra-se de uma e cai nas mãos da outra - versão tropical do Macbeth que quer o poder mas não quer sujar as mãos, porque de inocente ele nada tem - e a nora, sem qualquer remorso pela morte da sogra, encarna-a literalmente, na medida em que a peça se encerra justamente com a ênfase que lhe dá título. A jovem Gardênia se torna a habilidosa Dona Dulce Carmona. Com certeza, o nome de família vai ser preservado.

O cenário de Natália Lana funciona bem para as saídas e entradas das cenas, inclusive para a troca de figurinos (de Dani Vidal e Ney Madeira, aliás, herança do gênero, que fazia parte do grande conjunto dos melodramas do final do século XIX). Gardênia, aliás, ironia extrema, é uma flor chinesa que significa doçura e amor secreto, tudo o que ela não é.

Admirei o senso de humor de Vera Fischer, que desconhecia. O elenco é extremamente equilibrado (evidência da eficiência do diretor) e por tudo isso, a peça flui, agrada e diverte. A gente pode assistir, rir e sair do teatro sem qualquer sentido de culpa. Como diz Dona Dulce, a humanidade não presta, mesmo.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Tema sem variações

Não seria um diretor de porte mediano o mais indicado para abordar um assunto tão complexo como o focalizado em *A hora do desespero*. Acontecimentos como os recentemente ocorridos em escolas e outros locais nos Estados Unidos deram origem a dois filmes impactantes, *Elefante*, de Gus Van Sant, realizado em 2003 e vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes, e *Preçamos falar sobre o Kevin*, de Lyne Ramsay, produzido em 2011. Ambos tiveram a repercussão merecida por não se contentarem em reproduzir aspectos exteriores de episódios de extrema dramaticidade. *A hora do desespero*, dirigido por Phillip Noyce, chega aos cinemas quando a questão da violência volta a ocupar espaço e atenção devido a novos atentados praticados sem causa aparente no país onde a compra de armas é legalizada e até incentivada por setores para os quais a vida humana perde o seu valor maior. Certamente não são as armas que matam, mas os indivíduos que as utilizam. Mas quando estes são criados em sociedades cujos problemas de maior relevância não foram resolvidos e nem são abordados como deveriam ser e nas quais as futilidades são exaltadas e jogos incentivam a brutalidade, tais instrumentos não deveriam ter seu acesso permitido com tanta facilidade. É o que os dois filmes produzidos antes do atualmente em cartaz procuram explicar. Porém, como o primarismo de alguns e o interesse de organizações poderosas predominam, pouco tem adiantado a ação daqueles que não cansam de advertir sobre os perigos de tal política, mais uma - e não apenas nos Estados Unidos - a não distinguir entre causa e efeito, certamente uma das maiores deficiências de nosso tempo.

Enquanto Van Sant e Ramsay procuram chegar às causas, Noyce se contenta em descrever as consequências. E mesmo assim age de forma inadequada. A terrível suspeita que atormenta a mãe em *desespero* é abordada de forma superficial. O cineasta não se aproxima adequadamente de uma constatação de que a agressividade do filho possa ser causada pelo remorso de ver seu desejo edipiano ser concretizado por um aci-

dente. Tal possibilidade parece não interessar. O que realmente importa é focalizar, repetidamente e sem se importar com o fato de que a repetição se transforma, em cinema ou em qualquer outra arte, em fator de desinteresse e aborrecimento, o esforço da personagem principal. O filme se contenta em expor o sofrimento da mãe, algo perfeitamente natural, mas que não abre para o filme qualquer caminho no rumo de uma visão profunda do tema desenvolvido. O epílogo, então, é constrangedor, não faltando uma mensagem destinada a repor a harmonia depois de acontecimento tão assustador. Nos dois filmes que precedem o de Noyce, há uma procura das origens da violência. No de Ramsay há mesmo uma sequência em que pai e filho participam de um jogo que incentivava o assassinato. E a mãe tem sua vida destruída, inclusive por não saber ver no comportamento do filho pequeno sinais reveladores e premonitórios.

O que o filme de Noyce tem de mais interessante é sua quase transformação em um documentário sobre a utilidade de novos meios de comunicação entre pessoas e sobre a destreza com que os usuários adquiriram sobre tais instrumentos. O filme é quase um solo executado pela protagonista, uma virtuose indiscutível de seu instrumento. Mais do que isso, ela também em determinado momento chega a se transformar em detetive dos mais competentes e experientes, chegando mesmo a suplantar a própria polícia ao conseguir entrar em contato com o criminoso que ameaça os jovens que tem sobre seu controle. Isso tudo sem sair da floresta e sem parar de correr. Uma vitória, portanto, da tecnologia e da capacidade de utilizá-la. Só que tudo isso é tratado de maneira a não expor todo os problemas gerados pelo distanciamento e pela inversão de valores. Talvez Noyce obtivesse melhores resultados se a ênfase fosse conferida, por exemplo, na constatação de que a fuga para a floresta e o abandono do filho que se recusa a enfrentar a realidade fossem exemplos de distanciamento humano a ser evitado. No final, a protagonista é apenas a vencedora de uma maratona na qual não tem concorrentes.

fique ligado

Homenagem a Nico Nicolaiewsky

Realizado mensalmente pelo Centro Cultural 25 de Julho de Porto Alegre, o projeto *Obras comentadas* realiza, neste sábado, uma edição especial dedicada ao trabalho completo do compositor, instrumentista e humorista gaúcho Nico Nicolaiewsky (1957-2014). O bate-papo virtual será transmitido

gratuitamente, às 16h, pelo canal de YouTube do mediador Felipe Antunes.

Com participação de Arthur de Faria, Fernando Pezão, John Ulhoa e Márcia do Canto, os convidados relembram os principais momentos da carreira de Nico, que ficou nacionalmente conhecido como

o Maestro Pletskaya, estrela do espetáculo *Tangos e Tragédias*.

Cantor, compositor e pianista, Nico também gravou dois discos solo: o primeiro, lançado em 1996, levou seu nome e foi produzido por Arthur de Faria e Fernando Pezão; o segundo, *Onde está o amor* (2007), foi produzido por John Ulhoa.

CENTRO CULTURAL 25 DE JULHO/DIVULGAÇÃO/JC



Conversa promovida pelo Centro Cultural 25 de Julho relembra os principais momentos da carreira do artista

Bublitz no Circuito das Artes

A Bublitz Galeria de Arte prorrogou a maior exposição de sua história, em cartaz na Casa Presser (rua Marquês de Souza, 50 - Novo Hamburgo), para participar do Circuito das Artes. A visitação guiada pelos principais espaços culturais da cidade será realizada neste domingo, das 14h às 18h, em uma programação que integra o evento Brique na Estação. O *tour* sairá às 14h30min da Feira de Artes do Brique na Estação (rua

Mauá, 217 - Novo Hamburgo).

Até essa data, das 10h às 19h, todos os interessados poderão conferir os 400 itens de acervo e de artistas convidados. São 100 pinturas de autoria de Ariadne Decker, Armando Gonzalez, Flávio Scholles, Marcelo Hübner e Marcelo Zeni, além de 50 objetos de arte e 250 tapetes orientais. No dia do circuito, a Galeria receberá ainda uma pintura ao vivo de Hübner.

MAURÍCIO LIMA/DIVULGAÇÃO/JC



Mostra em Novo Hamburgo traz 400 obras de arte, além de tapetes orientais

Trombones em Concerto

Neste domingo, às 18h, um trio de trombonistas da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) irá protagonizar a sexta edição dos recitais da série Música de Câmara. Os músicos da orquestra José Milton Vieira, Sabryna Pinheiro e Rodrigo da Rocha ganham ainda a companhia do pianista convidado Paulo Bergmann na Sala de Recitais da Casa da Ospa (avenida Borges de Medeiros, 1.501).

O programa da apresentação gratuita *Trombones em Concerto* começa dando destaque à característica lírica do instrumento, com a síntese dos *Três Corais Op. 55*, de David Uber. Na sequência, os músicos interpretam ainda obras de Georg Friedrich Händel, Henri Tomasi, Michael Davis e Fernando Deddos.

Um dos destaques do programa é a estreia de *Ping peace tá Toc no chic Envolvente vi sagração eletrônicas no agepê vamos Crimson*, escrita pelo percussionista da Ospa Diego Silveira.

Carlos Hahn em uma hora feliz

O Clube de Cultura (rua Ramiro Barcelos, 1.853) recebe neste sábado, às 20h30min, o compositor Carlos Hahn para o espetáculo *Hora feliz do Hahn*. No repertório do show, canções do álbum de estreia do músico, *Auroras na barriega*, e clássicos da MPB.

A apresentação, em voz e violão, faz alusão às *lives* temáticas realizadas pelo artista durante a pandemia, quando foram feitas homenagens a nomes emblemáticos como Belchior, Clube da Esquina,

Mutantes, Chico Buarque, Jorge Ben, Raul Seixas, Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Acompanhado pela percussão de Pedro Hahn, Carlos costura as canções com poemas de seu livro *Cristais colhidos na névoa*, tecendo um espetáculo ao mesmo tempo dançante e reflexivo, com ênfase na crítica social e na exaltação do ser humano.

Os ingressos antecipados custam R\$ 20,00 e podem ser adquiridos através da plataforma Sympla.

Teatro grátis ao ar livre

Dois peças do 16º Festival Palco Giratório Sesc serão apresentadas gratuitamente neste sábado, no Parque da Redenção em Porto Alegre. Os espetáculos *Deus e o Diabo na terra da Miséria*, do grupo Oigalê (RS), e *Faisca D'Água: O encontro da natureza com a humanidade*, do Ueba Produtos Notáveis (RS), serão exibidos às 11h e às 14h, na cancha de bocha e no Monumento ao Expedicionário da Redenção, respectivamente.

Lançado em 1999, *Deus e o Diabo na Terra da Miséria* é

baseado no Capítulo XXI do livro *Dom Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes. A obra aborda o universo de Miséria, um gaúcho dono de uma ferraria que recebe as visitas de Nosso Senhor e São Pedro e é agraciado com três pedidos, com os quais engana o diabo.

Já *Faisca D'Água* fala sobre a importância da preservação dos saberes e fazeres do povo brasileiro, iniciando pelas tradições dos povos originários, a chegada dos europeus e dos africanos e chegando até os atuais imigrantes.

FABIANO KNOPP/DIVULGAÇÃO/JC



Faisca D'Água é uma das peças encenadas na Redenção neste sábado

Agenda

- Espetáculo *Adolescer* volta a cartaz no Teatro CIEE (rua Dom Pedro II, 861) neste domingo, às 18h. Ingressos entre R\$ 30,00 e R\$ 80,00 no Blueticket.
- *Brick de desapegos* em versão junina neste domingo, das 11h às 19h. Na rua Joaquim Nabuco, entre Lima e Silva e José do Patrocínio.
- Festa *Pagode 90* no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834), com Banda Cilada,

- Jader Lewis e banda, Dj Fiorin e DJ Barbosa. Sábado, 23h, a partir de R\$ 25,00 no Sympla.
- Pablo Lanzoni e Thiago Colombo lançam nesta sexta-feira, nas plataformas digitais, o álbum *Delírio geral*.
- Feirão de obras de arte da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa, com foco em objetos em pequenos formatos. Domingo, das 16h às 19h, na Travessa Venezianos, 19.

reportagem cultural

Trajeto em ascensão

Rafael Gloria, especial para o JC *

Quando Natalia Borges Poleso nasceu na cidade de Bento Gonçalves, ela foi diagnosticada com a síndrome Wolff-Parkinson-White (WPW) que, resumidamente, causa um batimento cardíaco acelerado, podendo levar a outras complicações. Como estava muito sintomática, precisou ficar um mês de observação no Instituto do Coração em Porto Alegre. “Brinco que eu nasci e fui dar uma volta na Capital. Em seguida, meus pais se mudaram para Caxias do Sul, queriam ficar mais perto da família, pois não sabiam o que poderia acontecer”, explica. Somente anos depois ela faria a cirurgia para a resolução do problema.

Mas isso não a impediu de aproveitar parte da infância e da adolescência na cidade de Campo Bom, na qual morou dos 8 aos 16 anos. “Eu adorava estar no colégio, fazer todos os esportes. Eu acho que, na verdade, eles mais me ajudaram do que me atrapalharam. Ao mesmo tempo que eu era essa guria super esportista, eu também fazia parte do clube de xadrez”, conta. Na quinta série do fundamental, ela escreveu um poema no Dia das Mães que aca-

bou sendo lido para a escola toda. Na época, já adorava deixar os cadernos cheios de histórias.

Com o divórcio dos pais, Natalia acabou retornando para Caxias, onde terminou o ensino médio. “A mudança de ambiente para uma cidade grande, e o fato de estudar à noite, realmente foi um choque”, afirma. Com o vestibular chegando, ela pensou em algumas opções, entre elas Medicina e Educação Física. “Medicina eu não imaginava como articular dinheiro para fazer e por conta do meu problema cardíaco - fiquei sintomática nessa época - achei que Educação Física podia não ser uma boa ideia. Aí resolvi ir para a Letras mais pelo inglês, que eu gostava bastante. Percebi que podia dar aula e ter meu dinheiro, e, com isso, independência”, analisa. Tinha familiaridade com a língua estrangeira principalmente a partir da escuta de artistas como Madonna, Cranberries e Alanis Morissette.

Foi durante a graduação na Universidade de Caxias do Sul (UCS) que Natalia começou a ler mais. “Eu entrei com 17 anos na faculdade, então, comecei a aumentar a leitura, simplesmente, porque tive acesso a uma grande

biblioteca. Como aluna de inglês da Letras fui lá e peguei todos os Shakespeare possíveis. Lia de tudo, meio rizomaticamente”, aponta. Durante todo o período da faculdade, ela trabalhava, dando aulas de inglês, o que fez com que ela levasse oito anos até a formatura, em 2007.

Paralelamente, Natalia continuava escrevendo e, incentivada por amigos leitores no final da graduação, se inscreveu no tradicional Concurso Anual Literário de Caxias do Sul. “Acabei ganhando duas vezes, acho que foi em uma edição no conto e na outra em poesia”, diz. No mesmo período surgiu também o blog *A Inércia de Alice*, em que postava textos e exercícios de escrita. Os contos do concurso foram publicados em uma antologia.

Em 2009, Natalia ingressou no mestrado na mesma instituição. “Trabalhei com a obra da escritora Tânia Faillace para falar de espaço, que sempre foi uma coisa que eu gostei, e aí de fato comecei a ter uma vida acadêmica mais ligada a eventos, apresentações de trabalho”, afirma. Ela conta que também foi importante o fato de ter tido uma bolsa integral na pesquisa para poder se dedicar.



Pais de Natalia foram morar em Caxias do Sul na infância da futura escritora

ARQUIVO PESSOAL NATALIA BORGES POLESSO/REPRODUÇÃO/JC



Projeção nacional veio com *Amora*, livro que ganhou o Jabuti em 2016

De Recortes à Amora

Foi em 2013 que Natalia lançou o seu primeiro livro, intitulado *Recortes para álbum de fotografia sem gente*, pela editora Modelo de Nuvem, de Caxias do Sul. A obra foi editada por Marco de Menezes e Camila Cornutti com o apoio do Edital Financiarte, da cidade. “Acho que esse livro tem junção de textos de 10 anos, mais ou menos. Ele tem cara de primeiro livro, foi uma edição bem cuidadosa”, diz a escritora. Marco conta que gostou dos textos de imediato. “Eles falavam (e falamos) em uma língua cognoscível e ao mesmo tempo estrangeira, com muito de fluxo de consciência e de ríspido cotidiano, mas com personagens como nós mesmos, tão acalorados e friorentos”, aponta. O *Recortes* ganharia no mesmo ano o prêmio Açorianos de Literatura na categoria conto, e seria o início de uma carreira de projeção nacional.

Nessa época, Natalia se dividia entre Caxias e Porto Alegre, pois começava a cursar o doutorado em Teoria Literária na Pucrs. Para ela, foi um momento

de produção e de conhecimento frutífero e também de ampliação dos horizontes. “Várias coisas mudaram meu olhar para que eu me pensasse escritora: a minha primeira publicação, o fato de estar na Pucrs, porque eu era completamente alheia à vida de escrita que existia em Porto Alegre”, explica. Conheceu, entre outros, autores como Moema Vilela, Davi Boaventura e Jeferson Tenório, participando também de eventos literários na cidade.

Em 2015, aconteceu o lançamento do *Amora*, pela Não Editora. O livro ganhou o prêmio Jabuti, em 2016, na categoria Contos, dando uma projeção nacional para a escritora. “Foi uma mudança total. Lembro que o livro estava quase esgotado em uma Feira do Livro de Porto Alegre”, diz. Natalia, então, começou a ser chamada para muitos eventos em todo o Brasil e também fora do País. “Na esteira disso teve o Bogotá 39, que me fez conhecer muitos lugares da América Latina e diversos escritores. E isso mudou completamente a minha relação com a

literatura, inclusive, geograficamente”, conta.

A jornalista e livreira Nanni Rios lembra da sensação depois de terminada a leitura de *Amora*. “Pensei: ‘esse foi o livro que eu esperei toda a minha vida para ler’. Pela presença de personagens mulheres em todos os contos, todas elas donas de suas próprias histórias, vivências e desejos. Aquilo era inédito pra mim”, diz. Inclusive, o livro a fez repensar toda a curadoria da livraria. “Afinal, que tipo de literatura eu queria oferecer pras pessoas? Foi uma verdadeira revolução, mudou tudo. Daí comecei a chamá-la para eventos e atividades na Baleia. Então, engatamos a amizade que existe hoje”, relata.

Sobre o processo de escrita, Natalia diz que demorou cerca de três anos para a conclusão da obra. Variando no tempo de trabalho em cada conto. O conto *Marília Acorda*, sobre a rotina de um casal de duas senhoras, um dos seus favoritos, ela diz que escreveu em cerca de um dia. Já, por exemplo, *Tia Marga* demorou seis

meses para chegar ao final. “Um dia eu estava andando na rua e me veio como o final deveria ser. Eu tinha que trazer essa ideia de desbalanço, porque essa família funciona assim”, afirma. O livro é composto por 33 contos que versam resumidamente sobre as diferentes manifestações de amor entre mulheres.

A crítica literária Paula Sperb publicava alguns dos primeiros textos literários no extinto jornal *O Caxiense*, no qual era uma das editoras. O periódico circulou na cidade serrana entre 2009 e o começo de 2013. “Quando ela lançou o primeiro livro, o *Recortes*, eu lamentei muito que o jornal já não estivesse mais ativo, porque eu queria muito ter essa crítica, para apresentar para a comunidade de leitores”, comenta. Paula conta que participou da banca julgadora do edital municipal que financiou o lançamento de *Amora*. “Colaborei para dar esse parecer positivo e, depois, o livro fez todo um caminho super importante, uma voz fundamental da literatura LGBTQIA+”, reflete.

Explorando diferentes terrenos literários

Natalia tem publicações em romance, conto, poesia, crônica e vai estreiar ainda esse ano na literatura infantojuvenil com o livro *Formiguinhas*. Para ela, tudo depende do projeto, mais do que a inspiração. “O conto, como é mais curto, tem essa elasticidade do tempo (para escrever). Mas para o romance eu não tenho essa opção, ele é um quebra cabeça em construção, está na sua cabeça o tempo todo”, explica. A autora tem dois romances lançados: *Controle*, de 2019, e *A Extinção das Abelhas*, de 2021, além de *Corpos Secos*, de 2020, escrito em parceria com Luisa Geisler, Samir Machado de Machado e Marcelo Ferroni.

Uma questão que influencia fortemente a criação de Natalia é o tempo para se dedicar à escrita - que, é claro, depende também de uma maior estabilidade financeira. “Eu ando tão atolada de trabalho. Acho que a última vez que eu tive tempo de sobra para escrever foi em 2015, quando eu fui para o doutorado sanduíche na França e terminei o *Amora*. E o *Controle* eu escrevi no final daquele ano”, diz. No retorno, veio o fim do doutorado e uma série de trabalhos. “Voltei da França, onde estava com o sonho da bolsa de estudos, para uma realidade em que eu precisava continuar trabalhando para pagar as contas”, afirma. Ao mesmo tempo, era a época da premiação do *Amora* no Jabuti, com muitos eventos e viagens acontecendo.

“Como diz a minha amiga, (a escritora) Cidinha da Silva, eu trabalho para poder sustentar a escritora que existe em mim. Sim, hoje é um pouco mais confortável, com as traduções e a venda dos livros, mas esse ano, por exemplo, estou com quatro

projetos na cabeça e que não consegui me concentrar pra escrever”, fala.

Em outros terrenos literários, Natalia também tem dois livros de poesia, *Coração à Corda*, de 2013, e *Pé atrás*, de 2018. Ela considera essa a forma mais complexa de escrita. “Quando eu escrevo poesia eu tenho vergonha, e quando eu escrevo prosa, não tenho essa vergonha”, diz. *Pé atrás* foi um convite do amigo e poeta Marco de Menezes. “Acabei publicando com o título de *Pé atrás*, um porque são poemas com questões geográficas, de andanças, então; mas também porque eu estou sempre com o pé atrás com a minha poesia”, explica. Segundo Menezes, a Natalia prosadora tenta, mas não consegue ocultar a poeta. “Quando ela publicou com a gente pelo Selo Fresta, a poeta veio com tudo, desbocada, sumarenta, malandra e pestilenta, e o pé atrás que dá título ao conjunto deixa aparecer um pé na porta, ou um pé na bunda.”

A crônica também foi um gênero que Natalia explorou por cerca de dois anos, no jornal *O Pioneiro*. Ela conta que, em geral, foi uma experiência satisfatória. Entretanto, ela também sofreu ataques devido a uma crônica que escreveu sobre um acontecimento inusitado. “Escrevi sobre uma situação que aconteceu comigo, na campanha de 2018: um avião que eu peguei e no qual Jair Bolsonaro também era passageiro”, diz. Ela acabou sofrendo muitos ataques virtuais na época, e teve dificuldades de fazer um boletim de ocorrência. “Acabei parando de escrever no jornal por causa disso. Começaram a atacar as minhas redes sociais e tive que bloquear e trancar tudo”, conta.

LAINÉ BARCAROL/DIVULGAÇÃO/JC



Autora deve publicar primeiro livro infantojuvenil ainda em 2022

Projetos para o futuro

Para Natalia Polesso, estar comprometida com a escrita já é algo político. “Por exemplo, a minha obsessão agora é o fim do mundo. Por fim do mundo eu penso na era do capital, conforme a Donna Haraway, e a minha escrita está comprometida com isso, porque essa é a minha visão do mundo”, diz. Essa obsessão se reflete em alguns dos escritos mais recentes, como o conto *Perfeita Tecnologia* (que integrou a série *Botão Vermelho*, uma parceria da Revista Pernambuco com o Instituto Serrapilheira) e o livro *A extinção das abelhas*, de 2021.

A trama da sua obra mais recente é dividida em três partes em que se acompanha Regina, órfã e moradora na casa dos pais, que estão ausentes há muito tempo. Ela acaba se relacionando com outras personagens, como Eugênia e Denise, casal de mulheres que a adota; Aline, irmã adotiva; Paula, sua ex-namorada; e a gata, Paranoia. “Foi um livro que eu entreguei uma semana antes de estourar a pandemia da Covid-19, e fui viajar. Ficou tudo parado na editora e aí peguei de novo, acho que em maio daquele ano, e fiz algumas inserções de situações da pandemia. A segunda parte tem uma narrativa de várias vozes do colapso, que passa por uma ideia de narrador não humano e múltiplo, como se fosse uma grande *timeline*”, diz. Agora, ela diz que não vê o livro como uma distopia, e sim mais como um livro de realismo especulativo, na ideia de Timothy Morton, filósofo ligado à ecologia.

Para Luciany Aparecida, os romances da autora têm como destaque a voz narrativa. “*A Extinção das Abelhas* leva isso a um lugar do absurdo, tanto o temático do livro, mas também no cuidado que ela tem de elaborar em quem está contando aquela história.” Natalia diz que o escritor Leo Tavares sempre faz

a leitura de seus livros e vice-versa. É comum pedirem críticas um ao outro. A amizade nasceu em 2011, uma conexão instantânea, movida pelo magnetismo das afinidades e, especialmente, do riso, conta Tavares. “Ela é a primeira leitora de todos os meus escritos. É uma medida estética. Um senso de orientação quando o caminho é turvo e instável. Mais que isso tudo, uma parceira”, afirma.

Por exemplo, na *Extinção das Abelhas*, um capítulo foi modificado pela sugestão de Leo. O conto *Perfeita Tecnologia*, para Luciany, diz muito da tendência dos romances, principalmente do *A Extinção das Abelhas*. “Eu acho talvez até de algo futuro, um caminho que Natalia pode estar tramando em seguir”, diz.

Agora, com o retorno de

eventos híbridos ou presenciais, ela conta que a ideia é voltar a encontrar o público, até porque seu mais recente livro foi lançado durante a pandemia. “Estou feliz com essa possibilidade de volta dos eventos. Agora os casos de Covid-19 aumentaram, mas mantendo a vacinação e as doses de reforço, para a gente ficar seguro, essas atividades vão voltar a acontecer”, diz. Natalia avisa que está com um projeto de romance novo, mas deve demorar a sair, por estar no início. Entre as novidades, ainda há o trabalho na continuação de *Corpos Secos*. “Estou com um livro de contos, mas não sei aonde ele vai, estou com várias coisas... Eu sou a pessoa de vários projetos, mas preciso de tempo para conseguir sentar e encaminhar eles”, conclui.

ARQUIVO PESSOAL NATALIA BORGES POLESSO/REPRODUÇÃO/JC



Natalia Borges Polesso celebra volta dos eventos híbridos ou presenciais

Livros de Natalia Borges Polesso

- 2013 | *Recortes para álbum de fotografia sem gente* - contos (Modelo de Nuvem)
- 2015 | *Coração à corda* - poesia (Patuá)
- 2016 | *Amora* - contos (Não Editora)
- 2018 | *Pé atrás* - poesia (Fresta)
- 2019 | *Controle* - romance (Cia das Letras)
- 2020 | *Corpos Secos* - romance escrito com Samir Machado de Machado, Marcelo Ferroni e Luisa Geisler (Alfaguara)
- 2021 | *A extinção das abelhas* - romance (Cia das Letras)



Rafael Gloria é jornalista, mestre em Comunicação pela Ufrgs, editor fundador do Coletivo de Jornalismo Cultural Nonada - Jornalismo Travessia e sócio da agência Riobaldo.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

A evolução dos livros e das pessoas

O livro, especialmente na sua forma impressa, ainda é um dos objetos de design mais fascinantes criados pela humanidade e, sem ele, certamente a evolução e a história das pessoas seria muito diferente.

Infinito em um junco: A invenção dos livros no mundo antigo (Editora Intrínseca, 496 páginas, R\$ 89,90, tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht), da filóloga, ensaísta e escritora espanhola Irene Vallejo, por sua profundidade, extensão e originalidade, é obra que nasce clássica sobre a história do livro no mundo antigo, desde a criação da Biblioteca de Alexandria até a queda do Império Romano.

O livro tornou-se *best-seller*, foi traduzido em mais de 30 idiomas e recebeu o Prêmio Nacional de Ensaio do Ministério da Cultura da Espanha (2020) e o El Ojo Crítico de Narrativa

(2020), além de elogios calorosos de Mario Vargas Llosa, Nobel de Literatura. Os jornais The New York Times e El País, entre outros, destacaram o amor pelos livros e pela leitura que envolve a obra e sua grandiosidade e universalidade.

A narrativa pungente, bem fundamentada e envolvente é uma grande e bela representação da aventura coletiva protagonizada por milhares de pessoas que, ao longo do tempo, protegeram e tornaram o livro possível. Muitas delas anônimas, como contadores de histórias, escribas, iluminadores, tradutores, vendedores ambulantes, professores, freiras, rebeldes e aventureiros.

Ao longo da história, os livros foram amados e odiados, estiveram em meio a disputas de poder e mortes e perseguições até hoje ocorrem. O grande livro-ensaio de Irene nasceu para



responder quando surgiram os livros, qual a história secreta de quem queria multiplicá-los ou terminar com eles, o que se perdeu no caminho e o que se salvou e por que alguns livros tornaram-se clássicos. A autora responde as questões de forma cativante e informativa. Sem exagero, muitos consideram o livro uma obra-prima.

e palavras...

PAULO PALOMBO PRUSS ENFARTOU EM PORTUGAL

Portugal é nosso avozi-
nho, nossa origem, nosso fado e Lisboa parece ainda a casa da vovó. Digo ainda porque Lisboa - que muitos chamam de Lisótima - se modernizou e segue se modernizando. Nos últimos tempos nossos laços com Portugal se estreitaram ainda mais, com viagens, turismo, imigração, negócios, literatura, cultura e outras atividades. A língua e a legislação facilitam o intercâmbio.

Nesse contexto, muito interessante o lançamento de *Enfartei em Portugal - Uma história verídica* (Editora Escuna, 157 páginas, R\$ 45,00) de Paulo Palombo Pruss, administrador de empresas, escritor e editor. Pruss escreveu para jornais de bairros como Fala Bom Fim e A Gazeta do 4º Distrito, sobre personagens da cidade e, em 2017, lançou o livro *Porto Alegre de Todos os Tempos* pela Editora Escuna, criada por ele. A editora já publicou dezenas de livros. Pruss participou do programa *Noventa Minutos da Bandeirantes*.

As crônicas do livro narram, com clareza e bom humor, a história de Paulo Pruss, que foi fazer turismo em Portugal e, surpreendentemente, enfartou. Ele foi para Lisboa com a mulher, dois filhos menores e a sogra. No primeiro dia de férias, duas horas após a chegada, a sogra teve um problema cardíaco gravíssimo, tipo 80% letal, mas se salvou. Ficou proibida de viajar por um tempo. A esposa de Pruss, médica e as crianças precisaram voltar ao Brasil e ele, aposentado, ficou cuidando da sogra.

Depois de aproveitar para conhecer bem a cidade, perto da consulta que autorizaria a

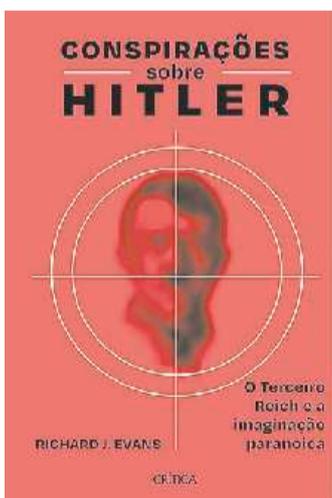
volta da sogra para o Brasil, Paulo Pruss enfarta, vai sozinho dirigindo para o mesmo hospital que tratou sua sogra e ouve muitas brincadeiras dos médicos ao saber da história. Enfarto gravíssimo, vai para a UTI.

Dez dias depois recebeu alta, mas com a recomendação de não viajar. Depois de 60 dias, pode voltar, com a sogra, para o Brasil e ver o final feliz acontecer. Aproveitou bem os dois meses para conhecer, praticamente como morador, o país dos doces, do bacalhau, dos vinhos e de tantas outras riquezas materiais e imateriais.

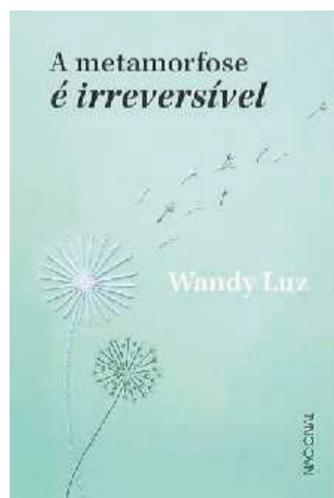
Paulo Pruss não escreveu o livro como se fosse um guia turístico do "um jardim da Europa à beira-mar plantado" no dizer do poeta Tomás Ribeiro. Mas os viajantes propriamente ditos e os que viajarão somente nas páginas do livro terão informações, comentários e sugestões para flunar alegremente por Portugal. E como disse o embaixador de Portugal falando na inauguração do voo direto de Porto Alegre para Lisboa: aí vocês descem em Lisboa e depois podem ir para a Europa...

Nas páginas do livro, entre tantas boas histórias, os leitores vão se perder e se encontrar em Lisboa, passear pelo Bairro Alto e pelo Chiado, lembrar a Revolução dos Cravos e da canção *Vira Virou* de Kleiton e Kledir e até frequentar o sagrado Santuário de Fátima. Paulo Pruss fala das estações climáticas de Portugal, da Dança dos Cus (cu em Portugal é bunda, saiba), de festas, de Santos e do lendário bairro Alfama, um dos mais típicos e o mais antigo de Lisboa.

lançamentos



► **Conspirações sobre Hitler - O Terceiro Reich e a imaginação paranoica** (Crítica, 272 páginas, R\$ 53,71, tradução de Renato Marques de Oliveira), do historiador Richard J. Evans, especialista em Terceiro Reich, analisa as teorias de conspiração mais difundidas sobre Hitler e os seguidores nazistas.



► **A metamorfose é irreversível** (Editora Nacional, 200 páginas, R\$ 43,00) de Wandy Luz, jornalista, apresentadora e uma das escritoras mais lidas da internet, traz textos inspiradores sobre planos, redescobertas, passado e futuro e como viver melhor.



► **Mobiliário para uma fuga em março** (Dublense, 400 páginas, R\$ 64,90), romance vencedor do Prêmio Minas Gerais de Literatura, da jornalista e escritora paulista Marana Borges, fala de como é difícil sair de casa e abandonar laços familiares e de como eles nos perseguem, mesmo depois de deixá-los.

a propósito...

Um dos muitos méritos do livro de Paulo Pruss, que tem linguagem fluente e saborosa e traz muito sobre hospitais e Portugal, é que ele, apesar dos acontecimentos em que se envolveu pessoalmente e com a sogra em Portugal, não adotou um tom vitimista. Ao contrário, aproveitou a oportunidade meio sinistra para conhecer ainda melhor a terrinha e para traçar comparações com nosso Brasil. Há malas que vem pelo trem, como disse

o outro. Ao lado do relato das peripécias médico-hospitalares, Paulo aproveitou para contar fatos pitorescos e trazer dados e curiosidades sobre Portugal. Ao fim e ao cabo, o autor, aproveitando o "saber de experiências feito" na terra de Camões, presta uma homenagem ao nosso país irmão, que o acolheu bem dentro e fora do hospital. Recomendado que leiam o livro comendo bacalhau, harmonizando com um bom vinho português.

Reportagens traçam painel da cultura no RS

Todas as sextas-feiras, o **Jornal do Comércio** publica uma grande reportagem cultural no caderno Viver. Desde maio de 2018, o espaço traz, a cada semana, textos aprofundados sobre o cânone da cultura local e brasileira, além de matérias especiais sobre temas como artes plásticas, cinema, literatura, música e arquitetura. A memória também tem

vez, como nas reportagens sobre os meses em que o cantor João Gilberto morou em Porto Alegre, a trajetória do time de futebol do Renner e a história da "bisavó" das casas noturnas da Capital.

Não faltaram reportagens sobre músicos como Renato Borghetti - que abriu a série -, Telmo de Lima Freitas e Elis Regina, e textos tratando da vida e obra de escri-

tores, casos de Erico Verissimo, Josué Guimarães e Sergio Faraco.

Tem espaço para o tradicionalismo, MPB e o rock gaúcho, como na reportagem sobre a banda Os Replicantes. Sem falar no patrimônio histórico, caso de textos sobre o casario de Pelotas, e matérias mostrando os projetos dos arquitetos Theodor Wiederspahn, José Lutzenberger e Fernando Corona.

Os principais temas da cultura gaúcha em textos sobre...

...LITERATURA

Caio Fernando Abreu

Feliz Aniversário, Caio Fernando Abreu

reportagem cultural

Lya Luft

Todas as letras de Lya Luft

reportagem cultural

Moacyr Seliar

Metade menino do Bom Fim | Metade imortal

reportagem cultural

Luis Fernando Verissimo

Descobertas, prazeres e alegrias de um cronista

Fenômeno literário

Club dos Caçadores

A bisavó das casas noturnas de Porto Alegre

...MÚSICA

Elis Regina

ELIS, de Porto Alegre

reportagem cultural

Borghettinho

Thriller dos pampas

reportagem cultural

João Palmeiro

A bossa com sotaque gaúcho

reportagem cultural

Kleiton e Kledir

Feito corpo e alma

reportagem cultural

Crocodillo's

Nos embalos de sábado à noite

Reportagem Cultural

Encouraçado Butikin

Encouraçado Butikin: a mais icônica boate da Capital

Reportagem cultural

Leia essas e mais de 200 reportagens no edição online do Jornal do Comércio

Além da edição impressa do **Jornal do Comércio**, que traz o caderno **Viver** encartado todas as sextas-feiras, a **Reportagem Cultural** também é publicada na edição online do **JC**. Lá, além da matéria mais recente publicada na

semana, também é possível ter acesso a todas as reportagens publicadas na seção, com textos aprofundados. Para acessar, entre em www.jornaldocomercio.com.br/reportagemcultural. Ou acesse o QR Code ao lado.

